

O desafio de ensinar em silêncio

Deficientes auditivos superam dificuldades e freqüentam Escola Normal de Taguatinga com o objetivo de tornarem-se professores

Cibelle Colmanetti
Da equipe do Correio

Elas alimentam o sonho de se tornar professor. Para tanto, vencem as dificuldades surgidas na rotina de quem não escuta. Obstáculos simples como pagar uma conta no banco, ir ao médico ou assistir a uma aula de português. A vontade de ensinar é o que leva dez jovens surdos a participarem do Projeto Surdo-Educador, desenvolvido na Escola Normal de Taguatinga (ENT).

Nove garotas e um garoto estudam em horário integral para receber o diploma de professor. O curso dura entre cinco e seis anos. Gláucia Rosa de Souza, 26 anos, conta, por meio da linguagem dos sinais, que os surdos ficam muito tristes porque não conseguem se comunicar. Seu desejo é ensiná-los a se expressar. Ela é a única entre os estudantes deficientes auditivos a se formar como normalista este ano.

Moradora de Taguatinga Norte, Gláucia tem outros oito irmãos. Apenas as duas irmãs mais novas ouvem.

O restante não ouve. Aprender a linguagem dos sinais se tornou questão de sobrevivência desde cedo. Somente o pai não se comunica por meio de gestos, o que, de certa forma, o deixa isolado. Para ir ao médico, a garota sempre leva a mãe, que servirá como intérprete, a tiracolo.

Além de ser a única formanda da classe da ENT em 1998, Gláucia é a única dos irmãos a completar o 2º grau. Segundo ela, a família não cabe em si de tanto orgulho. A formatura, entre 15 e 18 de dezembro, terá direito a colação de grau, missa e baile, no qual a valsa já está reservada para o namorado, também surdo.

A perseverança da futura professora é comum entre os outros estudantes. Aluna do 3º ano, Roberta Gomes de Lima, 24 anos, não se deixa desanimar. Moradora do Lago Norte, ela cruza o Distrito Federal todas as manhãs. Volta para casa à noite, de ônibus. Preocupada com a filha, a mãe já lhe pediu inúmeras vezes que abandonasse o curso para se dedicar a outro mais próximo de casa. Mas a estudante é enfática ao comentar, também por gestos, que não deixa de

estudar de jeito nenhum.

Roberta, cuja irmã gêmea tem audição normal, até tentou estudar mais perto de casa. Cursou o primeiro ano do 2º grau na Escola Normal de Brasília, mas as notas eram sempre baixas, resultado do baixo aprendizado em classes sem intérpretes da linguagem dos sinais ou atendimento especializado. Quando soube do projeto em Taguatinga, trocou de colégio imediatamente. E a estudante já ensina a garotada. Uma vez por semana, dá aulas de catequese no Nossa Senhora Instituto do Brasil, na Asa Sul. São nove alunos, todos surdos.

LINGUAGEM COMPLEXA

O projeto Surdo-Educador, da Fundação Educacional do Distrito Federal, foi implementado há quatro anos na Escola Normal de Taguatinga para formar educadores surdos, os mais indicados para ensinar a Língua Brasileira dos Sinais (Libras) a outros deficientes auditivos. Duas alunas já se formaram e estão ensinando crianças e adultos. "A linguagem dos sinais é tão complexa quanto a língua portuguesa e somente um professor surdo poderia ser capaz de passar toda essa riqueza para seus alunos", diz a professora Sandra Patrícia de Faria, 31 anos, há dez trabalhando com deficientes auditivos.

Os alunos cursam as disciplinas integradas aos outros estudantes da

ENT, mas, geralmente, demoram de um a dois anos a mais para se formar. Isso ocorre porque os surdos devem cursar outras matérias além das do currículo regular. Todos têm de se aprofundar na linguagem gestual, estudando, inclusive, gramática.

Como não conseguem entender tudo o que é dito em sala de aula — mesmo habituados à leitura labial, os alunos surdos apreendem em torno de 20% das palavras —, passam algumas horas livres na sala de recursos, onde têm aulas de reforço. "Na sala exclusiva dos alunos surdos, eles realmente aprendem", conta a professora Maria do Socorro Silva, 41 anos, que, não raro, atua como intérprete nas classes regulares. Os surdos também são atendidos por terapeutas de fala que os ensinam a pronunciar os fonemas da língua portuguesa.

Apesar de não se comunicarem como as pessoas que escutam normalmente, os surdos e deficientes auditivos têm capacidade de falar. Considerá-los mudos é um equívoco bastante comum. "Os surdos geralmente não falam porque nunca tiveram o *feedback* auditivo, mas se forem estimulados desde pequenos poderão desenvolver a linguagem oral", afirma Sandra Patrícia.

ESCOLA BILÍNGUE

Ela, no entanto, considera mais importante ensinar, em primeiro

lugar, a linguagem dos sinais às crianças. "Se os meninos aprenderem logo cedo esse tipo de expressão, terão mais facilidade de estimular o pensamento e a inteligência. Depois, poderão aprender o Português mais rapidamente", acredita Sandra.

Para evitar o não aproveitamento de talentos escondidos atrás das dificuldades de comunicação, alunos deficientes auditivos, pais e professores de Taguatinga e Ceilândia estão pleiteando a criação de uma escola bilíngüe, a primeira no Distrito Federal. Nela, os surdo-educadores alfabetizariam as crianças na linguagem dos sinais. Posteriormente, o Português seria ensinado. "Os surdos devem estar integrados à sociedade, mas, antes disso, é necessário que estejam integrados com seus semelhantes", frisa a professora Sandra.

Na segunda-feira à tarde, cerca de 200 pessoas fizeram um manifesto em frente ao Palácio do Buriti para pedir a escola. Os coordenadores do movimento foram atendidos um dia depois por Antônio Ibañez, secretário de Educação, que se mostrou simpático à idéia. Com a ajuda de pais, alunos e educadores, Ibañez se comprometeu a procurar um local em Taguatinga — um prédio público ou uma outra escola —, onde o centro de ensino possa funcionar a partir do ano que vem.